

SANTOS, Paulo da Silva; LIMA, Bárbara Edemara Silva; SOUSA, Edson Almeida Rodrigues de; FERNANDES, Maria José Costa. *O lugar da cultura afro-brasileira no livro didático de geografia do 3º ano do ensino médio*. RESC Revista de Estudos SocioCulturais, v2., n.3, março/junho de 2022, p. 37-48, ISSN 2764-4405.

O LUGAR DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

The place of afro-brazilian culture in the teaching book of Geography of the 3rd year of High School

Paulo da Silva Santos¹

Bárbara Edemara Silva Lima²

Edson Almeida Rodrigues de Sousa³

Maria José Costa Fernandes⁴

RESUMO: O artigo procura analisar, como a cultura afro-brasileira é apresentada no livro didático de Geografia do 3º ano do ensino médio. Para tanto, buscamos compreender como a territorialidade da cultura afro-brasileira é representada nos currículos de Geografia, mostrando a importância desse conteúdo geográfico no ambiente escolar. A temática da cultura afro-brasileira tem uma importância indiscutível para formação territorial do Brasil, dessa forma, a Geografia tem o papel de realizar pesquisas sobre o tema e trazer esse debate para sala de aula. Apesar da

¹ Discente do 7º período do Curso de Geografia da FAFIC/UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) e do Laboratório de Ensino em Geografia (LEG).

² Discente do 7º período do Curso de Geografia da FAFIC/UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) e do Laboratório de Ensino em Geografia (LEG).

³ Discente do 7º período do Curso de Geografia da FAFIC/UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) e do Laboratório de Ensino em Geografia (LEG).

⁴ Docente do Curso de Geografia da FAFIC/UERN. Graduada em Geografia pela UFRN (2002), Mestre em Geografia pela UFRN (2005), Doutora em Geografia pela UFPE (2020). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG). Coordenadora do Laboratório de Ensino em Geografia (LEG). Membro do Comitê Editorial da Editora da UERN (EDUERN).

existência da Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003/MEC, que trata do ensino obrigatório da história da cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino da educação básica, seja pública ou privada, percebe-se que há ainda uma ausência e dificuldade para a efetivação dessa temática, tanto na escola como nos materiais didáticos trabalhado em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura afro-brasileira. Livro didático. Geografia. Ensino médio.

Abstract: The article seeks to analyze how Afro-Brazilian culture is presented in the Geography textbook of the 3rd year of high school. Therefore, we seek to understand how the territoriality of Afro-Brazilian culture is represented in Geography curricula, showing the importance of this geographical content in the school environment. The theme of Afro-Brazilian culture has an indisputable importance for the territorial formation of Brazil, thus, Geography has the role of conducting research on the subject and bringing this debate to the classroom. Despite the existence of Law No. 10.639 of January 9, 2003/MEC, which deals with the mandatory teaching of the history of Afro-Brazilian and African culture in basic education teaching establishments, whether public or private, it is clear that there is still a absence and a difficulty in implementing this theme, both at school and in the teaching materials worked in the classroom.

KEYWORDS: Afro-brazilian culture. Teaching book. Geography. High School.

INTRODUÇÃO

Apesar da existência da Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003/MEC, muitas escolas ainda não cumprem a referida Lei, podendo-se afirmar que há um preconceito ou uma ignorância por parte de alguns discentes que deveriam executar o ensino desta cultura e história. Muitas vezes alguns professores alegam que os livros didáticos não abordam o tema ou se privilegia o ensino da cultura europeia em detrimento do grande saber negro que se mistura, originando uma sociedade de povos miscigenados. No entanto, é papel da comunidade escolar apresentar a sociedade como um todo para que os alunos se apercebam e entendam sua importância no meio em que estão inseridos.

A análise seguiu focada em buscar respostas que viessem de fato apresentar a ausência de temas que tratassem da cultura afro-brasileira nos livros didáticos, além de demonstrar os impactos que seriam acarretados tanto aos alunos que possuem tal identidade, como aos que se dizem não pertencer. Para tanto, foi analisado o livro “Território e sociedade no mundo moderno” da Editora Saraiva, voltado para o 3º ano do ensino médio,

propondo atividades diversas para inserir no ensino da Geografia, bem como os elementos das culturas africana e brasileira.

Acreditamos que discutir essa temática no livro didático de Geografia e posteriormente em sala de aula pode contribuir para a diminuição dos preconceitos e das desigualdades étnico-raciais presentes em nosso país. Tendo em vista que o livro didático se constitui numa ferramenta didático metodológica presente na maioria das escolas do Brasil.

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

De acordo com Viegas (2021), o livro didático se expandiu pelo Brasil com a chegada da coroa portuguesa, em 1808, e com a criação da imprensa régia. As primeiras obras didáticas nacionais foram traduções para a escola militar, todavia a produção dos livros didáticos foi impulsionada em 1822, com a Independência do Brasil e com as primeiras leis voltadas a decreto educacional. Entretanto, devido à pouca disponibilidade de papel, os livros eram impressos no exterior, para a diminuição dos custos. É nesta perspectiva que Copatti constata que:

No Brasil, o livro didático foi ganhando espaço desde meados do século XX inicialmente pela utilização de materiais oriundos de Portugal e da França. Nesse período, muitos dos materiais utilizados em sala de aula, pelos professores, como material básico de ensino, eram cartas (cartinhas, cartilhas) e outros textos utilizados para leitura (COPATTI, 2017, p. 76).

Assim, foi em 1920 que se deu o surgimento das primeiras indústrias de papel no Brasil e a impressão nacional teve seu início. Ainda no século XX, em 1930, durante o governo Vargas, foi criado o primeiro Ministério da Educação e oito anos depois a Comissão Nacional do Livro Didático, gerando um aumento do número de estudantes e circulação dos livros. Com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1985, o governo assumiu a responsabilidade pela compra e distribuição dos livros para os alunos da rede pública de ensino fundamental e médio.

Apesar das diversas discussões sobre a função do livro didático no processo de ensino e aprendizagem, as críticas sobre a qualidade dos livros didáticos de Geografia e sua adoção não devem ser feitas somente no ensino teórico destes materiais, mas também político. A escolha do livro didático está permeada por outras questões que serão abordadas mais à frente. Ferracini, 2012, p 20, afirma que: “[...] as contribuições a respeito da população negra, bem como as suas manifestações afro-brasileira, seu papel na formação territorial ou suas contribuições para as ciências humanas foram renegadas pela Geografia, no livro”.

O fato de a Geografia ter raízes europeias e os seus teóricos vierem principalmente da Europa influencia o enfoque das pesquisas geográficas dos intelectuais brasileiros. A África pouco aparecia nos embates intelectuais, logo esse feito reflete diretamente no Brasil, que tem uma base europeia de debate geográfico, assim impactando também a ausência da África nos livros didáticos de Geografia.

O livro didático hoje é um dos recursos responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem, sendo em muitos momentos a única fonte de informação e recurso tanto para os professores quanto para os alunos. Este material didático é um instrumento de ensino utilizado como um facilitador no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, além de um norteador para o professor no processo de formação estratégica de ensino.

É nesta premissa que Copatti (2017) afirma que o livro didático ganhou destaque em diversas pesquisas em educação, visto que tem sido o material mais utilizado na rede pública de ensino do país. De fato, os livros didáticos vêm tendo essa proeza de ser um dos elementos pedagógicos que mais está inserido no processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas e privadas do país. Desta forma Menezes, ressalta que:

O livro didático está presente na vida de docentes e discentes e é um dos principais recursos didáticos utilizados no processo de ensino aprendizagem e na construção de conceitos. A importância desse material didático na escola abre várias questões, e pensando especificamente a escola escolhida para campo da pesquisa (EMILIANA, MENEZES, 2018, p.132).

Ainda sobre um ponto de apoio auxiliar ao educador, o material didático tem como objetivo traçar um caminho e uma sequência para a aprendizagem, evitando lacunas que prejudiquem o entendimento dos conteúdos. No entanto, ele também tem a função de representar a realidade, abrangendo toda a população em suas múltiplas escalas e setores, como: econômicos, culturais, sociais etc. De acordo com Ferracini, (2018, p. 2):

A Lei nº 10.639/03, como o conjunto das obras traduzidos, publicados e disponibilizados online pela Unesco, propõe que os estabelecimentos de educação básica, infantil, fundamental, de ensino médio, e de jovens e adultos precisam estar munidos de livros e materiais didáticos que tratem desse tema em específico.

É nesta abordagem que se compreende a dadaiva que o livro didático pode ter para ampliação do conhecimento e aprendizagem do aluno. O livro didático tem de apresentar essa proeza e desconstruir os estereótipos, não só referente à cultura afro-brasileira, que é o enfoque deste trabalho, mas por um fim na hegemonização de um determinado grupo, em geral a classe dominante, pois essa é mais representada nos livros didáticos e as

“minorias” aparecem como figurantes até em abordagens do seu nicho representativo.

Diante disso, a escola, - como lócus de mediação entre o conhecimento, a sociedade e a Ciência Geografia enquanto compreensão da (re)produção do espaço, - torna-se o principal meio de propagação dessa importância cultural para a diminuição das discriminações étnicas que envolvem os laços culturais das matrizes africanas. Não é apenas responsabilidade dos professores de História abordar este ponto de suma importância, mas de todos que possam ou venham a ter o *espaço* em sua prática docente para que a formação do pensamento do aluno se volte para sua realidade cotidiana.

Em nosso país, tem-se comidas, danças, músicas, expressões e linguagens que derivam diretamente da matriz africana, e que está em nosso cotidiano, mas não é percebida e reconhecida. Apesar desta profícua diversidade, essa territorialidade pouco é mencionada nos livros, incluindo os de Geografia, que tem o território, o espaço e a cultura como parte dos seus pilares de estudo.

Espera-se que essa e outras políticas públicas, como a Lei 10.639, saiam do papel, não fiquem engavetadas, ou seja, apenas para apresentações midiáticas ou em datas específicas, como o Dia Nacional da Consciência Negra, que é comemorado no 20 de novembro; que por ironia do destino é o único período em que os ambientes escolares fazem uma abordagem superficial da temática afro no Brasil.

A Geografia é uma disciplina que, no contexto escolar, pode prestar grandes contribuições no combate ao racismo e aos seus impactos sociais. Expondo as dimensões espaciais deste sistema de dominação, o ensino desta disciplina pode contribuir para a construção de visões de mundo comprometidas com a igualdade. Esta ciência ainda permite a busca do equilíbrio na retratação e representação dos diferentes grupos que compõem a nação.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o território brasileiro é o país que tem o maior número de pessoas negras do mundo, tirando alguns países africanos. Destaca-se, no Brasil, o município de Salvador – BA, em que cerca de 85% da sua população é negra. Mas, apesar do Brasil ter em suas raízes uma negritude gritante, essa pouco é representada nos livros didáticos. Por exemplo, pouco se vê a menção aos grandes protagonistas dessa cultura.

Apesar de encontrar essa temática nos livros didáticos geralmente no 7º ano, isso não quer dizer que não se possa encontrar essa abordagem fora dos livros didáticos do sétimo ano. É difícil, porém não impossível. Foi justamente por esse acontecimento raro que se levou em conta analisar o livro do 3º ano do ensino médio da editora Saraiva, justamente pelo fato de fazer essa abordagem sobre a territorialidade da cultura afro-brasileira.

Os livros didáticos de Geografia, - incluindo o proposto para a análise: Território e Sociedade no Mundo Globalizado de Elian Alabi Lucci, Anselma Lázaro Branco e Cláudio Mendonça, - vêm trazendo uma abordagem mais contextualizada. No entanto, essa abordagem é resumida, faltando mostrar representatividades negras, tais como pessoas como Maria Escolástica da Conceição Nazaré, conhecida como Mãe Menininha do Gantois, e Mãe Stella de Oxóssi, conhecida como Maria Stella de Azevedo.

Essas duas senhoras, já falecidas, - a primeira em 1894 e a segunda em 2018, - trouxeram uma contribuição para a consolidação desta cultura e para a sua permanência no território. Porém, dificilmente encontra-se a contribuição delas nos livros didáticos e uma das hipóteses levantadas por esse não aparecimento é por conta das duas serem do Candomblé, religião de origem africana, que é desvalorizada e reproduzida como uma religião satânica. Pesa negativamente, assim, o fato de ser uma religião de negros, uma vez que a classe dominante do Brasil tem a sua religião voltada para o catolicismo, predominantemente branca. Segundo Mendes (2020, p. 448):

Descolonizar o currículo implica em torná-lo mais diversos, em busca de apreender neste a diversidade étnico-racial, cultural, social, econômica e de gênero existente na sociedade, uma compreensão de mundo cada vez mais isenta de uma visão eurocêntrica/colonial, sendo dessa maneira possível dar os primeiros passos rumo à essa descolonização, através de propostas pedagógicas plurais de combate ao racismo.

Com isso, temos essa visão eurocêntrica que está inserida nos livros didático, incluindo o material em análise. O livro faz menção a uma única personalidade negra, a baiana Luislinda Valois Santos, que se tornou a primeira juíza afro do Brasil.

Entretanto, apesar de ser profícua a sua inserção no livro didático, pelo fato de ter legado histórico, o livro se limita em apresentar uma única personalidade negra, até porque, no período de elaboração deste mesmo livro, a então juíza Luislinda era Ministra dos Direitos Humanos do governo do então ex-Presidente da República, Michel Temer, que lhe colocou no cargo depois da população brasileira, juntamente com alguns ativista e feministas, como Caetano Veloso e Daniela Mercury, questionarem a ausência de negros e Mulheres no primeiro escalão do governo Temer.

É nesta abordagem que o processo de descolonização do livro didático também se apresenta como relevante para a inserção das questões étnico-raciais no meio educacional, sendo um grande desafio, haja vista que os sistemas de ensino devem dialogar com a realidade social dos estudantes, não focando apenas em aspectos conteudistas; muito menos que fiquem focados na representatividade dominante do momento, mas em questões significativas, que demonstrem a realidade.

O livro didático analisado faz uma análise minúscula sobre o racismo e mais uma vez sente-se a falta de personalidades que levantaram a bandeira sobre essa temática, como a Professora Makota Valdina, professora negra, da educação básica de Salvador, que durante 50 anos lutou contra o racismo estrutural e pela inserção da cultura negra nas salas aula. De acordo com Ferracini (2018, p. 03):

Entendemos que esses conjuntos de ações educativas vieram para fortalecer os patrimônios culturais na relação secular existente entre a África e o Brasil. Proximidade até então densamente trabalhada por nós na Geografia dos currículos escolares, nos cursos de formação de professores e nas salas de aulas.

No tocante a essa abordagem afro-brasileira, é dever também que nos cursos superiores, principalmente nos de Geografia, que é a nossa área de estudo, não se restrinjam a abordar este assunto somente em Geografia Cultural. O Ensino de Geografia pode fazer menção à cultura afro, assim como a Geografia da População, Geografia Urbana, Geografia Econômica e a Cartografia.

Sugere-se que se inclua essa abordagem nestas ramificações geográficas, principalmente nos cursos de licenciaturas, para que quando os professores cheguem nas salas de aula e mesmo que os livros didáticos não abordem essa territorialidade afro-brasileira da forma que deva ser mencionada, os professores tenham conhecimento para fazer essa abordagem da cultura-afro de forma mais aprofundada.

Apesar desta Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003/MEC ter completado 18 anos, sabe-se que a realidade desta inclusão ainda é ineficiente. A imagem do negro nos livros didáticos por muito tempo não foi retratada de maneira positiva: muitos estereótipos sobre os negros eram inseridos nos livros didáticos.

O livro didático enaltecia e continua fazendo esse enaltecimento da cultura branca que era mostrada nestes materiais pedagógicos, restando à escola transmitir ideais baseados em uma visão etnocêntrica e arcaica. Mesmo com o período de redemocratização vivido no pós-ditadura militar e com a criação de algumas leis, como a de 10.639, é que houve a conquista voltada para a inclusão da temática do negro nos livros didáticos.

De todo modo, essas conquistas adquiridas ao longo do século atual ainda são ineficientes, pois o negro pouco é mostrado nos livros, fortalecendo uma (re)produção errônea e preconceituosa aos negros e aos seus territórios. Segundo Almeida (2019, p. 50):

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam.

É nesta abordagem que se compreende os efeitos do racismo, que dá hegemonia a ideia de uma “raça” em detrimento a outras, colocando-se à frente e impondo o que é certo ou errado ao grupo inferiorizado. Foi assim que aconteceu e acontece no Brasil: essa classe dominante, em geral branca, vem reproduzindo o racismo estrutural oriundo século XVI e essa superioridade reflete-se nos livros didáticos.

É preciso que nos livros didáticos haja a inclusão do debate sobre as relações étnico-raciais, sem que tenha uma hegemonia cultural e que a cultura negra que teve grande influência e contribuição no desenvolvimento do país seja inserida nos livros didáticos como realmente deve ser, sem estereótipos errôneos referentes a essa cultura.

De acordo com Gonçalves (2006), o Brasil é um país de multiplicidades econômicas, culturais e regionais. E os livros didáticos também devem ser múltiplos para responder a essa característica do nosso país. Então, é sobre isso que será abordado na análise do livro didático “Sociedade e território no mundo globalizado” da editora Saraiva, que está dividido em três volumes, sendo o foco de análise o volume de número três (ver Figura 1 abaixo).

O livro didático do 3º ano do ensino médio proposto para análise tem como autores os professores Cláudio Mendonça, bacharel e licenciado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); Anselmo Lazaro Branco, licenciado em Geografia pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI-SP); e Elian Alabi Lucci, bacharel e licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O material apresenta conteúdos através de múltiplas linguagens, tendo destaque para textos sobre pautas sociais, trazendo reflexões com diferentes perspectivas, mas possibilitando uma aproximação com a realidade do aluno. O material está dividido em quatro unidades, tendo um total de onze capítulos, que são divididos entre três e nove seções, tendo variação de acordo com o tema do capítulo. Propõe uma sequência equilibrada dos conteúdos, abordando temas atuais.

Através das linguagens apresentadas, que auxiliam na capacidade de compreensão por meio dos alunos, os textos trazem resgates históricos, conteúdos jornalísticos, teóricos, histórias em quadrinhos, charges, letras de músicas, poemas, obras, mapas, gráficos, além de textos autorais que contribuem para atualidade da obra, mas também auxiliando na capacidade interpretativa dos alunos.

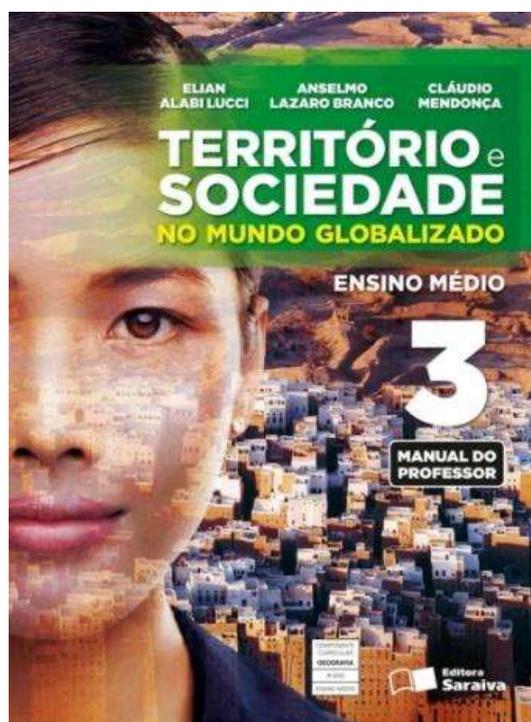


FIGURA 01 - livro didático: território e sociedade no mundo globalizado.

Fonte: google imagens, 2021.

Com discussões bastante atuais e com uma abordagem equilibrada, em alguns momentos deixando algumas lacunas, o material aborda temas como diversidade cultural e etnocentrismo, consumismo, o papel da publicidade e meios de comunicação atuais, questões indígenas, africanas, políticas afirmativas, migrações, nacionalidade, conflitos étnicos, terrorismo e suas consequências, xenofobia, regionalização, planejamento urbano, formação territorial, migrações, questões dos refugiados, crise hídrica, questões ambientais, igualdade de direitos, entre outros.

O livro também traz propostas interdisciplinares que são muito importantes para que os alunos entendam e compreendam, não somente os conteúdos e disciplinas, mas como elas se interligam. É encontrado também propostas que envolvem a formação cidadã e a linguagem cartográfica que é fundamental no ensino de geografia. Outro ponto importante é que, ao final de cada capítulo, é proposto que o aluno realize

pesquisas ou trabalhos que podem suprir ou amenizar as lacunas deixadas em aberto no decorrer do capítulo e não contempladas pelo professor.

O livro analisado, “Território e sociedade no mundo globalizado”, traz consigo uma abordagem profícua, porém, com disparidades. O capítulo 1 do livro aborda o seguinte tema: Etnia e Modernidade. O livro faz uma análise breve sobre algumas culturas, dentre elas a cultura negra, que faz parte do processo de formação e transformação do espaço geográfico.

Compreende-se que o livro didático para muitos professores é o único material didático que ele possui, e que pode ser um recurso didático de excelência, caso contemplem os assuntos abordados de uma forma coesa, coerente e realista. O livro que nos propomos a analisar aborda temáticas de extrema relevâncias, mas, como foi citado anteriormente, essa análise é breve, ou seja, deixa lacunas. O livro, quando se trata da questão africana, não faz a análise crítica, simplesmente aborda a chegada dos negros no Brasil, as cidades onde tiveram inicialmente o processo de uso e ocupação do solo pelos negros, que foram em Salvador-BA e Recife-PE.

O livro aborda também as contribuições trabalhistas deste povo para o Brasil: nos engenhos de cana-de-açúcar, algodão, café, mineração e outros. Mas o livro não aborda que este serviço foi escravo, ou seja, não tinha um consenso da negritude para exercer esses trabalhos, eles eram obrigados a trabalhar em uma jornada árdua e sem direito algum. Infelizmente o livro deixa lacunas por não fazer essa análise crítica.

De acordo com os autores do livro analisado, Lucci, Branco e Mendonça (2016), a origem étnica dificulta a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e os afrodescendentes são os mais afetados. De fato, a falta de políticas públicas vem acontecendo desde a chegada dos negros Brasil. Essa análise feita pelo livro é interessante, pois os autores abordam a ausência do Estado para com os negros em questões básicas como educação, saúde, moradia e outros pontos que assolam o negro em geral.

O livro vem trazendo também o ano de surgimento da Lei N° 12.711/12, a chamada Lei de cotas, mostrando os impactos positivos que essa lei trouxe para a sociedade brasileira, e como ela foi importante para resolver muitos entraves educacionais com referentes a população negra. Por meio desta, os autores mostraram que as cotas têm um efeito imediato e precisam de certo tempo para serem avaliadas, visto que as outras propostas demandam tempo e vontade política para a sua aplicação.

O ponto mais emblemático abordado no livro é a ausência de personalidades negras. Apenas uma única personalidade negra apareceu, que foi a baiana Luislinda Valois Santos, que no período da elaboração do

livro era ministra do governo Temer. Mas o livro não mostra as suas contribuições para a territorialidade negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina de Geografia faz diferentes menções e abordagens a diversas categorias através de recortes espaciais, tais como: o território, a região, o lugar, o espaço urbano e rural etc., ligados a uma lógica de estudo e pesquisa voltada aos campos das áreas físicas e humanas. A cultura está inserida nos mais diversos trabalhos da Geografia, representando diversos elementos e conhecimento de diferentes povos. Logo, é pouco compreensível a existência de uma ausência ou mesmo de uma espécie de discriminação étnico-racial nos materiais didáticos.

Visto a importância da utilização do livro didático, qual seria o principal motivo da ausência de um grupo étnico que além da importância histórica é também maioria populacional em grande parte do território nacional? Como modificar essa realidade?

Tendo em vista a existência da Lei 10.639/03, que visa levar para a sala de aula aspectos da cultura afro-brasileira que vão além da escravidão, busca-se garantir também a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura afro-brasileira dentro das disciplinas como a História e a Geografia, ambas presentes nas grades curriculares do ensino fundamental e médio. Uma maior interação entre universidades e a rede de ensino básico poderia proporcionar maior dinamicidade de conteúdos aplicáveis como este?

De fato, ainda em tempos atuais não existe uma relação entre as universidades e as escolas públicas ou privadas da forma que deveria haver, conseqüentemente, muitas vezes os conhecimentos trabalhados no curso de Licenciatura em Geografia não são tratados com a mesma necessidade, ou, importância, no ensino básico, fato este retratado e constatado nos estágios, por exemplo.

Por fim, sabe-se que ainda há muitas lutas a serem travadas para que a educação sobre a cultura afro-brasileira seja efetivada nos currículos, bem como nos livros didáticos de maneira justa e satisfatória, contemplando a realidade. Por isso, acredita-se que cobranças e questionamentos sobre sua ausência devem ser realizados no ensino básico, bem como nos cursos de licenciatura, pois é onde está o futuro da educação e da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL, Lei n. 10.639, de 1 de janeiro de 2003. Altera a Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <w ww.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> acesso em: 24 mar2021.

COPATTI, Carina. **Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula**. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Porangatu, v.6, n.2, p.74-93, jul./dez. 2017.

COPATTI, Carina; CALLAI, Helena Copatti. **TENSÕES E INTENÇÕES ENTREPROFESSOR DE GEOGRAFIA E LIVRO DIDÁTICO NA PRÁTICA DOCENTE**. *Para Onde!?*, Porto Alegre, v.10, n.1, p.52-59, 2018.

EMILIANA, MENEZES. **O uso do livro didático de geografia no ensino fundamental do colégio estadual ministro Santiago Dantas**. *Rev. Geo. UEG – Porangatu*, v.7, n.1, p.131-143, jan./jun. 2018.

FERRACINI, R.L. **A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de 1890 a 2003**. Tese de Doutorado, USP, 2012. p. 229.

FERRACINI, R.L. **A velha roupa colorida: Brasil e África na Geografia Escolar**. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 22 (2018), e9, p. 01-09.

HERNADEZ, L.L. de. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudo sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça**. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf&g t; Acesso em 01 de maio de 2021.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lázaro; MENDONÇA, Cláudio. **Etnia, diversidade, cultura e conflitos**. In:_____. *Território e Sociedade no Mundo Globalizado*. Ed. 1. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 12 – 28.

MENDES. R. A. **A ÁFRICA NOS CURSOS DE GEOGRAFIA: uma experiência de pesquisa participante em sala de aula**. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 19, p. 445-460, jan./jun., 2020.